

Museus De Favela: Sem Criatividade E Participação Comunitária Não Há Sobrevivência

Apresentação Oral

O Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos – MUQUIFU – localiza-se em Belo Horizonte, no Aglomerado Santa Lúcia, favela na região sul da cidade, que é constituída por cinco vilas. Fundado em novembro de 2012, o Muquifu nasce da emergência da preservação da história e das memórias da comunidade, visto que duas de suas vilas terão suas casas demolidas por um processo de reurbanização da Prefeitura de Belo Horizonte e os moradores, em sua maioria, irão se mudar para outros locais da cidade.

O objeto primeiro dessa empreitada museológica, segundo o Padre Mauro da Silva, principal idealizador e fundador do Museu é decorrência da ausência de um planejamento dos órgãos oficiais acerca da memória desses lugares, que no ano de 2012 já se anunciava seriam demolidos e levados pelos tratores da municipalidade, o que levou à criação do Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos, na tentativa de salvaguardar o que fosse possível dentre tantas histórias, as quais os próprios moradores muitas vezes desconhecem como importantes na formação da identidade da capital mineira. O Muquifu foi assim criado, tendo como sua entidade mantenedora as Obras Assistências Nossa Senhora do Morro, ligada à Paróquia existente na referida favela.

Temos pois que, dentre os objetivos do projeto de criação do Museu, os mais fundamentais sempre foram este resgate e preservação das memórias que se perdem com a reurbanização e a mudança de muitas famílias da comunidade. Faz-se necessário realçar que amalgamada a esta ação primeira encontram-se a salvaguarda das memórias das outras três vilas que formam o Aglomerado, a conscientização dos moradores da importância das suas lembranças e dos objetos que as representam e, acima de tudo, que o Museu é um espaço pertencente a eles e que devem guardar e expor aquilo que eles julgam fundamental. O auxílio em recursos e o apoio acadêmico vindo de ações externas à comunidade são importantes/necessários, mas não podem ser o alicerce da instituição.

Desde a fundação do Muquifu utilizou-se como metodologia de trabalho o ato de escutar a comunidade e preparar pesquisas e exposições que fossem de encontro aos anseios dos moradores. Exposições como “Doméstica, da escravidão à extinção: uma antologia do quarto das domésticas” e “Meu Reino Sem Folia”, sobre a folia de reis que deixou de existir no ano de 2002, são exemplos da participação da comunidade na gestão museológica da instituição. Como metodologia facilitadora da divulgação e planificação expositiva, o Muquifu tem participado da Semana de Museus e da Primavera de Museus, as duas principais atividades propostas pelo Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM - e que tem sido um estímulo para o Museu se reinventar, com novas exposições e atrair cada vez mais o envolvimento da comunidade, além de se dar a conhecer no ambiente externo a ela.

Segundo nos diz Hugues de Varine “uma identidade territorial e comunitária forte é sempre fundada, pelo menos parcialmente, sobre a riqueza e sobre a qualidade do patrimônio, mas também sobre a relação estreita e cultural entre os habitantes (a comunidade viva) e seu patrimônio” (VARINE, 2012, p. 97). Nesse processo Varine considera que possa existir a ação de agentes externos, que pode se dar, no sentido de ajudá-la a revelar-se e adquirir

confiança para tornar-se protagonista de projetos que envolvam, além dos demais componentes desta comunidade, também outros parceiros. Essa ajuda externa pode se dar no sentido de prever as necessidades que deverão apresentar-se em função das demandas para elaboração dos diversos projetos e exposições. Através do apoio de universidades, como a Universidade Federal de Minas Gerais e Universidade Federal de Ouro Preto, e de empresas particulares e órgãos públicos municipais e estaduais, o Museu tem alcançado êxito em seus programas expositivos, de pesquisa, de gestão e comunicação.

No Muquifu percebe-se claramente a situação em que a comunidade se reconheceu como protagonista de diversas ações e a contribuição de agentes externos se dá naturalmente na busca de uma orientação profissional para a concretização das propostas sugeridas ou inspiradas pela comunidade. Como resultado desse projeto de um museu de favela e claro, um museu de território, pode-se citar a participação constante dos moradores, de forma individualizada em todas as ações e eventos, assim como de outras instituições/projetos da comunidade: a Escola Integrada (EMUG), o projeto FICA-VIVO e o projeto PÓLOS DA CIDADANIA (Escola de Direito-UFMG), o projeto IMAGINÁRIO COLETIVO (ensino e prática de fotografia para crianças e adolescentes), o CONGADO e outros.

Em vinte e dois meses de existência o MUQUIFU apresentou oito exposições em suas participações em duas Semanas de Museus (2013/2014) e duas Primaveras nos Museus (2013/2014), sempre com séries de palestras e atividades em cada uma destas quatro semanas. As mais recentes experiências são a Terceira Mostra Itinerante do Muquifu, em um centro comunitário de uma das cinco vilas do aglomerado chamada de Vila Estrela, com o nome de “Na fé da resistência, no axé do nosso canto”, onde foram montadas pequenas mostras das exposições já realizadas anteriormente. E, neste mesmo local, tivemos para a Primavera dos Museus de 2014 a abertura da exposição sobre a vida dos pedreiros e seus companheiros nas obras, com o título de “Pedro Pedreiro: tijolo com tijolo num desenho lógico”, onde se confirma a participação intensa da comunidade, tanto em depoimentos quanto em doação e empréstimo de objetos relacionados à profissão dos trabalhadores na construção civil.

Como nos ensina Ulpiano Bezerra de Menezes, baseado em texto da década de 1970 de Hugues de Varine, o museu precisa sair de seus muros, ir à rua, precisa ser “estilhaçado” pela comunidade e pelo entorno de onde se localiza (MENEZES, 2010). O Muquifu procura agir de acordo com estas conceituações que são a base da chamada Nova Museologia ou Museologia Social. A mais recente exposição do Museu, em que retratamos a vida dos pedreiros demonstra que os resultados que foram desejados, tais como o envolvimento e participação da comunidade, estão sendo alcançados, pois, com pouca verba, muita criatividade e participação de muitos, fez-se real um espaço com histórias intensas, parcerias inusitadas, muitos objetos doados por pedreiros e pintores da comunidade, assim como de suas esposas, filhos e vizinhos.

O Muquifu, com dois anos incompletos firma-se no cenário local e nacional como uma instituição aberta a diálogos múltiplos e a parcerias imprescindíveis à sua manutenção, mas que através de ações criativas, como o aproveitamento de espaços abandonados que se transfiguram aos poucos em um jardim agradável e belo, assim como a utilização de sua bela logomarca em produtos (camisetas, chaveiros, lápis, caneta, caneca, imã de geladeira, etc.) que começaram a ser comercializados em setembro/2014. Com muita criatividade o Museu de Quilombos e Favelas Urbanos se inventa e reinventa com constância, acoplando-se às mais prementes características das favelas: a sempre mutação e a não permanências, em um jogo constante de transformações, que além de lhe caracterizar permite a sua sustentabilidade e continuidade de existência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRUNO, Cristina. **Generosidade e Acessibilidade: A Contribuição da Metodologia Museológica na Construção da Noção de Pertencimento**. ABREMC. Disponível online, acessado em 21 de outubro de 2013: <http://www.abremc.com.br/artigos2.asp?id=17>

CHAGAS, Mário. **Educação, museu e patrimônio: tensão, devoração e adjetivação**. Patrimônio – Revista Eletrônica do IPHAN. Brasília, 2010. Disponível online, acessado em 11 de dezembro de 2013: <http://www.labjor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=145>

CURY, Marília Xavier. **Museologia, novas tendências**. Museu e Museologia: Interfaces e Perspectivas. Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST. Rio de Janeiro: MAST. 2009.

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. **Gestão de Museus, um desafio contemporâneo: diagnóstico museológico e patrimônio**. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. *O Museu e a questão do conhecimento*. Futuro do Pretérito: escrita da História e História do Museu. GUIMARAES Manoel; Ramos, Francisco Régis (Org.). Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010.

MINAS GERAIS. **Caderno de diretrizes museológicas, 1**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, 2002.

PRIMO, Judite Santos. **Pensar contemporaneamente a museologia**. Lisboa: ULHT, 1999. (Cadernos de Sociomuseologia, 16). Disponível online, acessado em 10 de dezembro de 2013: <http://revistas.ulsofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/350>

VARINE, Hugues de. *As Raízes do Futuro: O Patrimônio a Serviço do Desenvolvimento Local*. Tradução de Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianiz, 2012.

VARINE, Hugues de. **O Lugar da Comunidade no Museu: Uma troca de serviços**. ABREMC, 2007. Disponível online, acessado em 14 de março de 2014. <http://www.abremc.com.br/artigos1.asp?id=6>

VARINE, Hugues de. **O museu comunitário é herético?** ABREMC, 2005. Disponível online, acessado em 11 de dezembro de 2013. <http://www.abremc.com.br/artigos1.asp?id=9>